

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 4

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS  
(ORGANIZADOR)

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 4

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS  
(ORGANIZADOR)

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfnas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes e as novas perspectivas dos saberes científicos 4 / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF  
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
 Modo de acesso: World Wide Web  
 Inclui bibliografia  
 ISBN 978-65-5706-878-6  
 DOI 10.22533/at.ed.786210803

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.  
 CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
 Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS – VOL. IV**, coletânea de vinte e um capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse quarto volume, três grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos em literatura; estudos em linguística; e estudos em música e outras artes.

Estudos em literatura, com nove contribuições, traz análises sobre feminino, mulher negra, negritude, resistência, utopia, história e patrimônio, criação literária, produção de diferença, estudos comparados e ensino.

Em estudos em linguística, com três capítulos, são verificadas contribuições que versam sobre gestos, registros e ortografia em redações, além de verbete.

Por fim, estudos em música e outras artes, com nove estudos, aborda questões como música, violão, percussão corpora, performance musical, cinema, interface com outras artes e história da arte.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

SOMBRAS DO FEMININO: PELOS OLHOS DA LITERATURA DESCOBRIMOS A DOR E O SOFRIMENTO IMPOSTOS PELO REGIME DE MAO TSE-TUNG ÀS MULHERES CHINESAS

Ellen Ramos Prudente

Jacir Alfonso Zanatta

**DOI 10.22533/at.ed.7862108031**

### **CAPÍTULO 2..... 15**

PERSONAGENS FEMININAS NA OBRA DE MARINA COLASANTI

Dheila Cristiane Waleski

Regina Chicoski

**DOI 10.22533/at.ed.7862108032**

### **CAPÍTULO 3..... 29**

AUTORREPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA EM “PONCIÁ VICÊNCIO” DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Jaqueline dos Santos Moraes

**DOI 10.22533/at.ed.7862108033**

### **CAPÍTULO 4..... 44**

POESIA E RESISTÊNCIA: UMA BREVE ANÁLISE DE “NÃO PARAREI DE GRITAR”, DE CARLOS DE ASSUMPÇÃO

Vanusia Amorim Pereira dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.7862108034**

### **CAPÍTULO 5..... 57**

“SIA VUMA”: POR UMA UTOPIA LIBERTÁRIA

Vanessa Pincerato Fernandes

**DOI 10.22533/at.ed.7862108035**

### **CAPÍTULO 6..... 66**

LITERATURA, HISTÓRIA E PATRIMÔNIO: HOMERO E RICK RIORDAN – DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Sandro Cavalieri Savoia

**DOI 10.22533/at.ed.7862108036**

### **CAPÍTULO 7..... 79**

DESVELANDO O MISTÉRIO DA CRIAÇÃO: LISETE NAPOLEÃO E RIBAMAR GARCIA

Raimunda Celestina Mendes da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.7862108037**

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>89</b>
DO DESLOCAMENTO VIVIDO AO DESLOCAMENTO NARRADO EM PROSA: UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO DE DIFERENÇA NA LITERATURA	
Fernando Sampaio Campos	
Rubens da Silva Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7862108038</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>103</b>
ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS: POSSIBILIDADES PARA O ENSINO	
Maria Zilda da Cunha	
Maria Auxiliadora Fontana Baseio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7862108039</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
UM GESTO DE CORTESIA: COM LICENÇA...	
Edson Domingos Fagundes	
Igor Ferreira Strogenski	
Odete Pereira da Silva Menon	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78621080310</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>127</b>
REGISTROS GRÁFICOS E ERROS ORTOGRÁFICOS EM REDAÇÕES DE VESTIBULANDOS	
Stefani Alves do Carmo	
Sanimar Busse	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78621080311</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>138</b>
ACEPÇÃO DO VERBETE “MASCULINIDADE” EM UM DICIONÁRIO MONOLÍNGUE DE LÍNGUA PORTUGUESA E OUTRO EM LÍNGUA INGLESA	
Guilherme Aparecido de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78621080312</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>147</b>
DA NÃO EXISTÊNCIA DE MÚSICA ALEATÓRIA	
Flavio Caldonazzo de Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78621080313</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>166</b>
PESQUISA CENTRADA NO VIOLÃO COMO OBJETO ARTÍSTICO	
José Homero de Souza Pires Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78621080314</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>175</b>
A IMPROVISACÃO DE PERCUSSÃO CORPORAL COMO PERFORMANCE MULTILINGUAGEM	
Herivelto Brandino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78621080315</b>	

<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>187</b>
A PERFORMANCE MUSICAL DO GRUPO DE MARACATU FAMIGUÊ EM MONTES CLAROS	
Romario Allef Ribeiro Silva	
Tatiane Rocha Matos	
Livia Danielle Carvalho Fernandes	
Karen Luane Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78621080316</b>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>201</b>
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTITÁRIAS NA OBRA CINEMATOGRAFICA SHREK 2	
Michele Teresinha Furtuoso	
Claudia Maris Tullio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78621080317</b>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>215</b>
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E (RE) CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADE: UM OLHAR DE “GET OUT”	
Angela Jocelia Guimarães	
Claudia Maris Tullio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78621080318</b>	
<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>230</b>
AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO E DO FEMINISMO EM AGNÈS VARDA: <i>UMA CANTA, A OUTRA NÃO</i>	
Ana Carolina de Oliveira Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78621080319</b>	
<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>239</b>
THE JANE AUSTEN’S “MANSFIELD PARK” (FILM VS NOVEL): A COMPARATIVE APPROACH BASED ON INTERSEMIOTICS OVERALL CONCEPTS	
Priscila Porchat-de-Assis Murolo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78621080320</b>	
<b>CAPÍTULO 21.....</b>	<b>248</b>
ARQUIVOS: MIMETIZANDO DISCURSOS DE TEMPORALIDADES DIVERSAS	
Sandra Makowiecky	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78621080321</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>263</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>264</b>

## AUTORREPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA EM “PONCIÁ VICÊNCIO” DE CONCEIÇÃO EVARISTO

*Data de aceite: 01/03/2021*

*Data de submissão: 21/01/2021*

**Jaqueline dos Santos Morais**

Centro de Ensino Superior Dom Alberto

Jaciara - MT

<http://lattes.cnpq.br/4487752853556236>

**RESUMO:** A presente produção acadêmica analisa e discorre sobre a obra de Conceição Evaristo, uma das escritoras brasileiras mais influentes na valorização e representação da cultura afro-brasileira. Em sua obra chamada Ponciá Vicêncio é possível que haja uma reflexão extensa e necessária sobre as vivências e o papel social em que as mulheres negras são colocadas em uma sociedade patriarcal e sobretudo racista. A descrição da luta da personagem central do romance, desde a sua infância até a fase adulta, deve ser interpretada como a representação das difíceis situações vividas pela negritude no Brasil que ainda se perpetuam como atuais, mesmo a obra tendo sido publicada no ano de 2003. O objetivo geral do presente trabalho é realizar uma análise da obra de Conceição Evaristo, a construção patriarcal e racista do Brasil e as vivências das mulheres negras em busca de uma vida digna e respeito racial. A metodologia é descritiva, qualitativa e investigativa, podendo ser classificada como uma revisão teórica e documental. Os resultados e a conclusão da pesquisa apontam para a forma como a história da formação do Brasil e o período escravocrata

impactam na vida da negritude até os dias de hoje, principalmente para as mulheres negras que precisam lidar com o machismo, o sexismo e a objetificação de seus corpos.

**PALAVRAS - CHAVE:** Cultura Afro-brasileira. Racismo. Sexismo. Autorrepresentação.

### SELF-REPRESENTATION OF THE BLACK WOMAN IN “PONCIÁ VICÊNCIO” CONCEIÇÃO EVARISTO

**ABSTRACT:** The present academic production analyzes and discusses the work of Conceição Evaristo, one of the most influential Brazilian writers in the valorization and representation of Afro-Brazilian culture. In her work called Ponciá Vicêncio it is possible that there is an extensive and necessary reflection on the experiences and the social role in which black women are placed in a patriarchal and above all racist society. The description of the struggle of the central character of the novel, from childhood to adulthood, should be interpreted as representing the difficult situations experienced by blackness in Brazil that are still perpetuated as real, even though the work was published in 2003. The general objective of the present work is to carry out an analysis of the work of Conceição Evaristo, the patriarchal and racist construction of Brazil and the experiences of black women in search of a dignified life and racial respect. The methodology is descriptive, qualitative and investigative, and can be classified as a theoretical and documentary review. The results and the conclusion of the research point to the way in which the history of the formation of Brazil and the slavery period has an impact on

the life of blackness until today, especially for black women who need to deal with machismo, sexism and objectification their bodies.

**KEYWORDS:** Afro-Brazilian culture. Racism. Sexism. Self-representation.

## 1 | INTRODUÇÃO

A construção imagético-discursiva da mulher negra na literatura brasileira sempre esteve atrelada a representações eivadas de estereótipos, construídos a partir de uma perspectiva, que é, a um só tempo, europeia, cartesiana, racista, machista e misógina, do homem branco ocidental.

A mulher negra, quando presente nessas narrativas, sempre esteve reduzida à condição de subalternidade e subserviência. Sua representação literária, segundo Conceição Evaristo (p. 52, 2005), ainda hoje ancora-se em imagens que remetem a seu passado escravo, ao seu corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do senhor colonial. Interessante observar que referidos estereótipos são encontrados desde sempre na literatura nacional. No cerne dessa discussão, os corpos negros são castigados, erotizados e escravizados.

Como exemplo, elencamos algumas das muitas personagens criadas deliberadamente a partir do imaginário eurocêntrico masculino. Na prosa de Aluísio de Azevedo, em *O Cortiço* (1890), por exemplo, as mulheres negras figuram como: 1) infecundas e, portanto, perigosas; 2) caracterizadas por uma animalidade, como a de Bertoleza, que morre focinhando; bem como representantes de uma sexualidade perigosa, como a de Rita Baiana, maculadora da família nuclear portuguesa. Outrossim, na prosa de Jorge Amado, em *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), a mulher negra queda-se associada a uma ingênua conduta sexual, bem como à mulher-natureza, incapaz de entender e atender a determinadas normas sociais (EVARISTO, 2005, p. 53). Ademais, em *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, Monteiro Lobato mantém, consoante *Penteado* (2011, p. 191), a personagem negra na cozinha de Dona Benta, que fora sua proprietária na época da escravidão.

No entanto, o pioneirismo da primeira escritora negra da história da literatura brasileira, Maria Firmina dos Reis, ou “uma maranhense”, pseudônimo adotado pela autora, à época, para fugir da opressão branca e patriarcal da sociedade brasileira de meados do século XIX, transgride essa tradição ao escrever *Úrsula* (1859), considerado o primeiro romance de cunho abolicionista da historiografia literária brasileira de autoria feminina. Referida transgressão ressignifica a figura da mulher negra na literatura nacional, pois essa deixa de ser objeto de representação e passa a representar-se a si mesma, enquanto sujeito histórico, ou seja, datado e localizado; Além do mais, essa passa a ser protagonista, ocupando um espaço até então conferido única e exclusivamente a homens brancos.

A insurgência dessa expressão artística, dada a princípio por meio da escrita dessa ilustre e visionária autora, inspira a produção literária de autoras negras da

contemporaneidade, que em suas narrativas recorrentemente dialogam com movimentos ideológicos, políticos e sociais no combate ao racismo, machismo, desigualdade social, dentre outras mazelas que tanto oprimem o povo negro e, em especial, a mulher negra. É o caso de Conceição Evaristo, que, por meio de sua “escrivência” (escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e de seu povo) e de sua personagem Ponciá Vicêncio, aponta o resgate cultural, identitário e ancestral como forma de autoafirmação e resistência da negritude.

Elencamos referida obra como o corpus desta pesquisa por conta da prevalência de uma forte subjetividade na construção estético-discursiva, bem como por conta de seu teor de denúncia quanto à condição imposta a mulher negra em nossa sociedade. Dessarte, no centro de nossa análise encontrar-se-á, em posição de destaque, a personagem Ponciá Vicêncio.

Logo, o objetivo geral da presente produção acadêmica é analisar a construção da autorrepresentação de autoria feminina negra, no cenário da literatura brasileira contemporânea, numa perspectiva sócio-histórica e a partir da matriz epistemológica do Mulherismo Africana. Ademais, os objetivos específicos consistem em:

- Trazer à baila as características da autorrepresentação da mulher negra na literatura brasileira contemporânea, especificamente na obra “Ponciá Vicêncio” de Conceição Evaristo (2003);
- Promover uma reflexão acerca da condição da mulher negra, na sociedade brasileira contemporânea, bem como acerca de seu resgate identitário, ancestral e cultural, à luz de uma epistemologia afrocentrada;
- Na condição de mulher negra, periférica e acadêmica, que experimenta diuturnamente as opressões sociais de gênero, de classe e, principalmente, de raça, proponho-me a fazer desta pesquisa locus reverberador das muitas vozes, silenciadas e marginalizadas, das mulheres que me precederam e como elas contribuir para que outras sejam encorajadas a se tornarem senhoras de suas próprias histórias, a partir da tomada de consciência de seu pertencimento ao berço civilizacional africano.

O presente trabalho propõe-se a, inicialmente, trazer à baila algumas representações estereotipadas da mulher negra na literatura brasileira, forjadas sobretudo sob a ótica do racismo e do patriarcado ao longo dos séculos, representações tecidas pela hegemonia dos escritores brancos.

Ademais, pretende-se discutir a importância da resignificação da figura da mulher negra no contexto estético da literatura afro-brasileira contemporânea de autoria feminina, enquanto forma de (re)construção identitária e, outrossim, de ação afirmativa de combate ao racismo e demais chagas que tanto oprimem o povo negro, analisando essencialmente, histórica e socialmente, a condição da mulher negra brasileira em diáspora.

Buscar-se-á também enfatizar a produção literária feminina, que é, ainda hoje, pouco

difundida no espaço acadêmico, isto é, quando há uma tentativa de difusão dessa produção, a mesma é cooptada por movimentos sociais eurocêntricos, tais como o feminismo, que é feito e pensado a partir da experiência de mulheres brancas da classe média e alta, que tem como pauta principal tão somente questões de gênero. Tal movimento, no entanto, não contempla as reivindicações específicas das mulheres negras.

Como bem diz Aguiar (2007, pág, 87): “A mulher negra no Brasil é discriminada duas vezes: por ser mulher e por ser negra”. Caldwell (2000) aponta que o empenho realizado por feministas não brancas, a partir do final dos anos 70 do século derradeiro, nos Estados Unidos, Inglaterra, Canadá e América Latina, tornou possível desafiar os modelos unitários de gênero, criados a partir das experiências de mulheres brancas de classe média. Todavia, esse autor argumenta que a questão de raça está praticamente ausente na maioria das pesquisas sobre mulheres no Brasil. De acordo com Katiúscia Ribeiro (2016), pensar apenas pela via do gênero não dá conta da desintegração ontológica das mulheres pretas e de seu povo.

Diante das alegações anteriormente apresentadas é possível descrever o problema de pesquisa através da seguinte questão: como a obra de Conceição Evaristo a autorrepresentação feita pela autora através da personagem Ponciá Vicêncio pode falar sobre as problemáticas vividas pelas mulheres negras em uma sociedade racista, machista e sexista como a que se perpetua até os dias atuais?

A metodologia escolhida para o desenvolvimento desse trabalho é descritiva e qualitativa e faz parte da classe das pesquisas bibliográficas e investigativas. Bem como se apresentam todos os estudos caracterizados como revisões, este estudo foi elaborado através de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema. Realizando a leitura, seleção e compreensão dos materiais acadêmicos encontrados nas plataformas como Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Literatura Latino-americana em Ciências da Saúde (LILACS) e Public Medine or Publisher Medine (PUBMED), nos idiomas português e inglês, além da obra “Ponciá Vicêncio” de Conceição Evaristo.

## **2 | DESENVOLVIMENTO**

O presente capítulo tem como objetivo apresentar todos os resultados teóricos coletados por meio da pesquisa e análise documental realizada para que fosse viabilizada a produção acadêmica aqui apresentada, tratando dos conceitos relacionados a autorrepresentação da mulher negra e as reflexões geradas pela obra de Conceição Evaristo.

### **2.1 A história das mulheres: marcas de opressão e silenciamento**

Para que a presente discussão teórica seja realizada, é imprescindível que se realize um recorte histórico-social sobre o período que corresponde a colonização do Brasil pelos europeus que trouxeram para as novas terras dominadas sua cultura, seus costumes,

suas crenças e seu modelo de família tradicional nuclear. E junto com eles toda a rotina e tradição europeia, e isso incluía o comportamento patriarcal e restritivos com as mulheres.

Durante os primeiros séculos de colonização, as mulheres eram controladas em vários aspectos, sejam eles hereditários, culturais ou sociais. As mulheres não passavam de propriedade dos homens, primeiro de seus pais e depois de seus maridos e na ausência deste, dos seus próprios filhos. As mulheres de classes mais abastadas tinham uma vida restrita, consumida com as tarefas domésticas, sua vida pública as vezes ficava restrita a frequentar as missas, já que a rua era um local para circulação de homens e prostitutas, onde ocorria o flerte e galanteios. Neste contexto as mulheres pobres tinham outra posição social, normalmente trabalham onde fosse ordenadas ou autorizadas. Quanto as suas famílias, poderiam ser desmembradas, seus filhos e maridos vendidos para outras fazendas, presos por vadiagem ou mortos pelos seus senhores, caso tenha feito algo que o desagradasse.

O ideal conservador de uma mulher que anda desacompanhada sugere que a mesma não seja “direita” pelos ideais sociais, e esse estereótipo por mais ultrapassado que sejam, ainda se perpetuam atualmente. É importante ressaltar que a palavra família tem sua origem no latim, *familulus*, que significa conjunto de escravos domésticos, incluindo mulheres, filhos e agregados (Leal, 2004, p. 17).

A mulher branca não possuía liberdade em relação ao marido, o que existia era uma organização patriarcal no qual o homem controlava a família em conjunto com os filhos homens. Os escravos, as terras e as decisões eram apenas uma responsabilidade masculina (Leite, 2015, p. 02).

A mulher estava limitada ao poder patriarcal, e a mesma precisava reconhecer seu próprio lugar e a função social que possuía na época. A função da mulher era apenas cuidar da casa, isto é, gerenciar e organizar de acordo com os desejos do marido, e quando queriam algo da rua, como por exemplo, fazer compras, o representante de uma loja ia até sua casa, já que a mesma não podia ir até a loja, ou os produtos seriam comprados pelos escravizados (Leal, 2004, p. 17).

Todo esse cenário era composto por regras que deveriam ser seguidas assiduamente, dessa maneira, seriam uma espécie de mandamentos do patriarcado fortemente implantados na cultura, que mais tarde, dariam origem á vários fatores que prevaleceram à violência e a repressão concomitantes em nossa cultura.

Ao longo do século XIX, se criou uma definição do que uma mulher ideal deveria possuir, uma espécie de modelo para as mais novas seguirem. Quando mais novas, elas precisavam ser frágeis, discretas e com sua virgindade intacta, e conforme fosse crescendo, deveria ter características maternas, além de uma série de características que satisfaziam os desejos sexuais dos homens, e, além disso, era necessário saber cuidar do lar e ser fértil para procriar, e procriar de preferência a um homem, para que ele carregasse o legado da família. (Essy, 2017, p. 56).

Tais situações não estão tão longe de nossa realidade, o exemplo mais próximo desse fator é a cultura Chinesa e Indiana, que dão preferência pelo filho homem, e chegam a optar pela morte de recém-nascidas pelo simples fato de serem meninas, em famílias mais tradicionais e violentas. A ONU (Organização das Nações Unidas) estipulou que houve pelos menos 200 milhões de meninas perdidas ou mortas em seu nascimento, e que a China e a Índia são os dois países que mais matam bebês do sexo feminino.

A mulher não tinha direito a educação, nem ao trabalho que não fosse doméstico e as poucas que conseguiam autorização para exercer alguma função, precisavam estar sob os cuidados ou do próprio marido ou familiar. Esse cenário facilitava o abuso de poder e a violência doméstica. Por muitos anos o divórcio era extremamente proibido, a família não apoiava nessa decisão, transformando a mulher em uma “mulher falada”, sem honra, somado ao medo, muitas mulheres eram obrigadas a aceitar essas condições (Leite, 2015, p. 21).

Filho (2001, p. 12) aponta que o histórico da violência contra a mulher é uma herança de uma cultura com as raízes de uma sociedade escravocrata, que nasceu a partir do modelo colonizador do Brasil. Esse histórico pode contribuir para o entendimento da mulher como um ser autônomo, mas ainda vitimizada pelo controle masculino.

Já no século XX, uma das primeiras tentativas de mudar esse cenário por meio de determinadas medidas, no campo mundial, foi feita através da Organização das Nações Unidas (ONU) que criou, na década de 50, a Comissão de Status da Mulher, que baseando na Carta das Nações Unidas, formou entre 1949 e 1962 alguns tratados sobre o tema. (Pinafi, 2007, p. 15). A carta da ONU, que entrou em vigor em 24 de outubro de 1945, com o objetivo de manutenção da paz e segurança internacional; promover relações amistosas entre os Estados; promover a cooperação em temas econômicos, sociais, culturais e humanitários; promover os Direitos Humanos e a liberdades e promover o entendimento entre os povos. Essa carta é o primeiro documento a prever um conjunto sistemático de normas de direitos humanos para proteger de forma ampla todo e qualquer indivíduo pelo simples fato de constituir um ser humano, com a finalidade de:

Praticar a tolerância e viver em paz, uns com os outros, como bons vizinhos, e unir as nossas forças para manter a paz e a segurança internacional, e a garantir, pela aceitação de princípios e a instituição dos métodos, que a força armada não será usada a não ser no interesse comum, a empregar um mecanismo internacional para promover o progresso econômico e social de todos os povos (Carta da ONU, 1945 p. 3 e 4).

A violência não pode nunca ser reduzida apenas a uma violência física, onde existe uma agressão, o termo engloba violência física (agressão ao corpo por meio de socos, empurrões, chutes, mordidas ou pelo uso de armas), sexual (onde a mulher é obrigada a participar ou presenciar relações sexuais não desejadas), psicológica (constrangimentos, humilhações ou qualquer conduta que abale o emocional e a autoestima), moral (afetar a imagem da mulher perante a sociedade ou diminuir o conceito que ela tem sobre si mesma)

e patrimonial (destruir os bens materiais da mulher).

Devido ao fato de ser reduzida a função materna e do lar, as mulheres foram silenciadas durante séculos e nem é possível colocar que tiveram suas histórias contatadas por homens, simplesmente pelo fato de que não tiveram suas histórias contatadas, pois se acreditava que não eram dignas de tais feitos. As canções, poemas e relatos colocam as mulheres apenas como objetos de desejo devido a sua beleza física – bem como ocorria também quando a mulher estava fora dos padrões de beleza da época – mas nunca se falava sobre os seus feitos como pessoa, autônoma e detentora de inteligência.

Em sua produção acadêmica, Perrot (2017, p. 01) lança já no título de seu livro a ideia principal que desenvolveu durante os seus estudos como historiador e sociólogo: os operários, as mulheres e os prisioneiros foram os excluídos da história. Para fundamentar seu pensamento, o autor faz uma grande análise das produções históricas mais famosas do mundo e chama atenção para o local de invisibilidade para o qual esses três grupos sociais eram colocados. Muito se fala sobre os mesmos, como sabemos, mas sempre de forma coletiva e nunca individualizada. Eram sempre colocados e agrupados de forma tradicional e superficial, sendo atribuídos a esses as mesmas características específicas que pareciam não levar em consideração a individualidade natural dos seres humanos.

Mas, é preciso pontuar que essa realidade não era derivada do acaso ou tenha sido construída devido ao desinteresse que existia na essência das mulheres. O silenciamento e a invisibilização das mulheres era um plano: tinha objetivos e formas de ser executado (Vaquinhas, 1995, p. 5). As mulheres, como citado anteriormente, tinham uma função social bem específica que se resumia em cuidar do lar, da criação de seus filhos e na manutenção de suas relações conjugais. Logo, caso passassem a serem colocadas como grandes cientistas, filósofas, atletas, e tivessem livros e reportagens sendo escritos sobre suas vidas, quem cuidaria então dos deveres do lar e da família?

Era atribuído ao homem o dever – e o privilégio – de estar a frente de todos os assuntos do mundo: política, economia, organização social, educação, dentre outros. Sendo assim, era definido que a mulher deveria ficar com as funções menos gloriosas, mas que diziam respeito a base e a viabilização de todas as outras esferas da sociedade. Sendo assim, é possível observar que a evolução educacional, profissional e até mesmo pessoal das mulheres não era incentivada. Salvo as exceções que surgiam durante a história eram rapidamente silenciadas e um homem, geralmente seu marido, era colocado a frente de seus projetos (Vaquinhas, 1995, p. 7).

Para que haja a ilustração dos fatos apresentados, o presente trabalho contará a história de três mulheres que foram fundamentais para as causas que defendiam, mas que foram completamente apagadas pela história e colocadas sob a sombra de seus maridos, filhos, chefes: homens. Apenas atualmente, séculos ou décadas após a morte das mesmas puderam receber uma parte do reconhecimento que lhes era devido e possuem suas histórias expostas em museus, livros e exposições livres.

Luíza Mahin foi uma importante figura para o Brasil no período da abolição da escravidão, seu empenho foi silenciado pela história eurocêntrica e machista que se propagava no mundo, mas hoje é conhecida como um dos principais elementos da figura afro-brasileira. A história de Mahin é ligada com a de uma figura muito mais conhecida e valorizada pela história: Luiz Gama, seu filho.

Luiz Gama é colocado pela história como um negro que tinha como a maior ambição de sua vida o estudo, principalmente focado na área jurídica, com o objetivo de desenvolver leis que pudessem proteger seu povo. Porém, enquanto Luiz buscava na teoria uma forma de libertação, sua mãe estava na linha de frente de uma série de revoltas históricas como a Revolta dos Malês (1835) onde foi perseguida e precisou fugir para o Rio de Janeiro (Ferreira, 2008).

Já livre na cidade carioca, Mahin foi organizadora e líder de vários coletivos africanos de escravos e de negros livres, buscando espaço e reconhecimento dentro de uma das maiores metrópoles do país. Seu filho, Luiz Gama, conta que nunca mais pode ver sua mãe novamente. Mahin foi presa no Rio de Janeiro em 1938 e depois nunca mais foi vista com vida (Ferreira, 2008).

Mesmo perdendo a liberdade, sendo perseguida, violentada e impedida de ver seus filhos e sua família, Mahin dedicou toda a sua vida a causa dos negros e mantinha viva a missão de trazer conforto, dignidade e representatividade para o seu povo. A história contada, no entanto, coloca as produções de Luiz Gama, seu filho, como fundamentais no processo de libertação social dos escravos. A história de luta de Luíza Mahin só é contada por um único historiador: seu filho.

Ainda nessa linha, podemos citar também o incrível silenciamento histórico direcionado a Dandara, mulher de Zumbi dos Palmares que lutou nas linhas de frente das maiores revoltas da época em busca da liberdade dos negros e negras que viviam escondidos nos quilombos. Dandara dedicou a vida para a luta contra a escravidão, até ser presa em 1630 enquanto tentava impedir o avanço de tropas holandesas ao território que hoje é conhecido como a cidade de Pernambuco.

Séculos se passaram até que houvesse um olhar histórico para Dandara que ao ser presa e condenada a voltar a vida de escravidão, decidiu cometer o suicídio se jogando de um alto penhasco. Apesar de toda a sua força e de tudo que perdeu para se dedicar a causa, foi completamente apagada da história pela forte presença cultural de Zumbi dos Palmares. Hoje, Dandara se consagra como um dos símbolos do feminismo negro.

Por fim, se tornou pertinente contar a história de Maria Felipa de Oliveira, que apesar de não ser sequer citada na esmagadora maioria dos livros de história, foi a líder de uma estratégia de guerra que garantia a independência do Brasil. Maria era uma mulher negra, pobre e extremamente politizada que defendia a emancipação do Brasil e dos povos negros. No dia 2 de Julho de 1823, havia soldados e comandantes das maiores potências do mundo se preparando para atacar o Brasil com suas embarcações.

Maria Felipa liderou um grupo de 40 mulheres para cumprir a missão de seduzir essa tripulação. Quando já estavam nus e desarmados, essas mulheres os atacaram com plantas venenosas que causavam reações alérgicas terríveis. Essa ação atrasou e enfraqueceu a investida contra o Brasil e foi fundamental para que a independência ocorresse. Porém, a história direciona todas as glórias para os homens que estavam nas linhas de batalha.

Esses são apenas alguns exemplos de mulheres que dedicaram suas vidas para contribuir com a sociedade e tiveram grandes participações nas maiores conquistas do Brasil e do mundo, mas que foram completamente silenciadas e apagadas pela história. Colocadas como sombras ou até mesmo singelas assistentes de homens com os quais conviviam. Tal realidade é o reflexo de um machismo estrutural que rebaixa a mulher, mesmo quando suas ações são de liderança.

## 2.2 O Cenário Histórico Racista No Brasil

O início do ano de 2018 foi marcado pelo assassinato de Marielle Franco, mulher negra, mãe e moradora da favela de Maré. O caso trouxe uma enorme repercussão, que continua até hoje. Apesar de termos a Lei Maria da Penha e a conquista da Lei do Feminicídio, as mulheres negras são as que mais sofrem agressões.

Não foram casos isolados. Nos últimos 12 meses, 1,6 milhão de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento no Brasil, enquanto 22 milhões (37,1%) de brasileiras passaram por algum tipo de assédio. Dentro de casa, a situação não foi necessariamente melhor. Entre os casos de violência, 42% ocorreram no ambiente doméstico. Após sofrer uma violência, mais da metade das mulheres (52%) não denunciou o agressor ou procurou ajuda. (FRANCO, 2019)

Segundo dados, parte do estudo Atlas da Violência 2018, apresentados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), no ano de 2016, foram assassinadas 4.645 mulheres no país, o aumento em dez anos foi de 6,4% - em 2006, foram mortas 4.030 mulheres no Brasil e a taxa de homicídio feminino ficou em 4,2 por grupo de 100 mil.

Os dados de homicídios femininos publicados pelo Monitor da Violência escancararam, ainda, as disparidades entre os estados. Roraima apresentou taxa de mortalidade feminina por homicídio de 10 por 100 mil, o mais alto do país, seguido do Ceará, com taxa de 9,6, e do Acre, com 8,1 mortes para cada 100 mil mulheres. Em todos os casos, a taxa representou mais que o dobro da média nacional e mais que o triplo da média mundial. Quem continua achando que a prioridade dos operadores da segurança pública e justiça criminal deveria ser outra precisa rever sua posição (BUENO e LIMA, 2019).

Os dados a seguir, extraído do Atlas da Violência 2018, mostra a evolução dos homicídios de mulheres, em três UFs com as maiores taxas em 2016 e no Brasil.

Limitaram-se os dados as mulheres negras, percebemos um grave aumento em

pauta, a taxa de homicídio ficou em 5,3 por grupo de 100 mil em 2016, entre as não negras, englobando brancas, amarelas e indígenas, a taxa foi de 3,1, uma diferença de 71%.

“Nos últimos 10 anos a taxa de homicídios de mulheres não negras diminuiu 8% e no mesmo período a taxa de homicídio de mulheres negras aumentou 15%. Ou seja, é necessário que haja uma focalização das ações do Poder Público, no sentido de reverter esse cenário trágico que a gente pode ver a partir do Atlas”, destacou o pesquisador parte do FBSP David Marques.

Nesse sentido, percebe-se que as políticas públicas não têm conseguido coibir a violência doméstica, familiar, de gênero ou raça, principalmente no que diz respeito a mulheres negras.

De acordo com o Mapa da Violência (2015) o assassinato de mulheres negras aumentou (54%) enquanto o de brancas diminuiu (9,8%) e em 2013, 13 mulheres morreram todos os dias vítimas de feminicídio, isto é, assassinato em função de seu gênero. Cerca de 30% foram mortas por parceiro ou ex, o que representa um aumento de 21% em relação a década passada. O que mostra que as mortes de mulheres estão aumentando. Atualmente, a cada 7.2 segundos uma mulher é vítima de violência física.

Somente em 2015, a Central de Atendimento a Mulher – Ligue 180, realizou 749.024 atendimentos, ou 1 atendimento a cada 42 segundos. Desde 2005, são quase 5 milhões de atendimentos, dados esses que foram divulgados pela Defesa Civil através da central de atendimento (180). Logo, é possível que haja a compreensão da gravidade do tema aqui discutido, bem como a forma como o mesmo não recebe a atenção devida, havendo a necessidade de exaltar e tornar pauta obras como o romance “Ponciá Vicêncio” (2003).

À luz do que diz Conceição Evaristo:

[...] as personagens antológicas da literatura brasileira são estéreis, não têm prole, não fecundam. Se a gente for pensar em Rita Baiana, em Bertoleza, em Gabriela, essas personagens criadas nessa literatura canonizada, ou elas não têm filhos, ou não dão conta de seus filhos [...].

Na historiografia do cânone da literatura brasileira, a situação não é diferente. Essas mulheres são retratadas por meio de estereótipos criados por escritores brancos, conforme informa Campos (2008, pág. 03):

Quando são representadas por esses escritores, na maioria das vezes, são explorados temas como sedução, beleza, resistência física, pois as qualidades que são apresentadas sempre estão ligadas ao corpo da mulher, nunca é mencionado o que ela pensa, ou o que deseja.

Tendo esse cenário em vista, as mulheres negras insurgem-se e inserem-se na literatura, escrevendo sobre si e autorrepresentando-se. Há uma busca, segundo Evaristo, da parte dessas escritoras, de inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Elas criam, então, uma literatura na qual o corpo-mulher-negra deixa

de ser o corpo do “outro”, como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que descreve a si mesma, a partir de uma subjetividade própria, experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se afirmar que o fazer literário dessas mulheres busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. (EVARISTO, pag. 54)

O processo em tela, à luz do Mulherismo Africana [*sic*], (Termo cunhado por Cleonora Hudson Weems no final da década de 1980, pretendido como uma ideologia que se aplica a todas as mulheres afro-descendentes.), pode ser entendido, segundo Katiúscia Ribeiro, como uma perspectiva emancipatória da população preta pensada por mulheres pretas e suas dores frente ao racismo e, não, uma ação política de liberdade de um determinado segmento. Pensar apenas pela via do gênero não dá conta da desintegração ontológica das mulheres pretas e de seu povo. A proposta do Mulherismo passa por pensar o lugar das mulheres pretas a partir de nós e não nos nutrir de ideologias embrionariamente não direcionadas às mulheres pretas (RIBEIRO; NJERI 2016, pag. 601).

A história de Ponciá Vicência é extremamente relacionada com as suas origens, sua conexão com a cultura afro-brasileira e a sua ancestralidade. A narrativa se inicia descrevendo o local de origem, o primeiro lar de Ponciá: a vila Vicência onde os moradores eram compostos por descendentes de escravos que herdaram o sobrenome dos donos das Terras onde viviam e trabalhavam, já expondo a desumanização passada por esse povo que não portava uma identidade oficial própria e sim adquirida.

A história da família de Ponciá é marcada por um episódio extremamente triste e representativo. Ainda na juventude, seu avô que era escravo naquele mesmo local, passou por um ataque histérico devido as condições sub-humanas nas quais era submetido, acabou por matar sua esposa e tentar o suicídio que sem sucesso o deixou com um cotoco, onde havia o braço que arrancou. Essa descrição trás à tona a discussão sobre os limites da sanidade dos povos escravizados frente as sessões de humilhação, exaustão física, abusos verbais e físicos, aos quais eram expostos e os danos a saúde mental, muitas vezes irreversíveis.

Ao longo de sua vida adulta Ponciá perde seu pai, restando consigo apenas a mãe e um irmão, fato esse que incentiva a jovem a buscar melhores condições de vida na cidade grande. Sem saber, o irmão segue o mesmo caminho e a mãe, não desejando ficar sozinha, sai em busca de um caminho pelas vizinhanças próximas. Após trabalhar como doméstica e se estabelecer em uma vida minimamente confortável, Ponciá não encontra nenhum de seus familiares.

A narrativa se torna ainda mais sombria e próxima da realidade quando Ponciá se une amorosamente com um homem que conheceu na comunidade em que morava, resultando em um relacionamento recheado de agressões físicas e psicológicas, deixando Ponciá em condições físicas que resultaram em um total de sete abortos.

Tendo em vista a saudade da família e da conexão ancestral com o seu bairro natal, Ponciá decide largar a cidade grande e se encaminhar para o seu lar inicial. Por obra do destino, ela encontra seu irmão e sua mãe que haviam acabado de conseguir achar um ao outro. Imediatamente a narrativa descreve a sensação de alívio, acolhimento e identificação sentidos pela personagem ao estar no ceio de sua família e se encaminhar para a Vila Vicêncio onde a sua história iniciou.

Por meio dessa narrativa é possível perceber as vivências e as problemáticas que acompanham as mulheres negras no Brasil, bem como a história dessas personagens são marcadas por assassinatos, suicídios, tristezas, revoltas, agressões físicas e psicológicas, acusações e desconexão com as suas raízes e com a ancestralidade de todo um povo. Apesar de a narrativa se passar em um período anterior, ainda é possível observar a presença dos relatos nos dias de hoje e como o sexismo, o machismo, o racismo e a animalização e objetificação do corpo da mulher preta seguem ocorrendo.

### 3 | CONCLUSÃO

Através dos estudos realizados para que fosse viabilizada a produção do trabalho acadêmico aqui apresentado, é possível concluir que apesar das grandes mudanças sociais ocorridas nos últimos séculos, já existe uma rotina familiar que é natural a uma boa parte dos lares no mundo. Os filhos nascem, são cuidados, vão a escola, se desenvolvem academicamente, fisicamente e mentalmente, enquanto seus pais seguem trabalhando, cursando uma nova graduação e mantendo uma vida social ativa conciliada com os cuidados com os filhos até que os mesmos se tornem adultos e formem suas próprias famílias.

Essa criação segue linhas gerais e pré-estipuladas socialmente, que se arrastam desde a formação das primeiras civilizações, sendo alteradas ao longo do tempo e mediante as mudanças de perspectiva, mas mantendo a mesma base. Os papéis de gênero, como por exemplo, estipulam a ideia de superioridade e inferioridade desde os primórdios.

Desde a primeira infância, a criação que se caracteriza como do gênero masculino, em famílias tradicionais, possui uma criação característica que apesar de ser muito mais evoluído do que já foi um dia, ainda faz uso de moralismos tóxicos que podem atrapalhar o desenvolvimento saudável e não-violenta.

A ideia de superioridade do gênero masculino é a base para a criação machista que conhecemos, que se arrasta a séculos, mesmo que tenha se tornado menos intensa, ainda dita a forma como a sociedade pensa, age e se relaciona. A história da humanidade, desde os seus primeiros passos na Terra, que nos é ensinada favorece a ideia de que o gênero masculino seria superior, no que diz respeito a biologia.

Porém, o ator nos convida para a reflexão de que essa ideia superioridade é estritamente biológica e apresentava uma validade considerável quando ainda era

necessário caçar para se alimentar, e as habilidades físicas garantiam a sobrevivência humana de forma mais fácil.

A natureza humana foi moldada através dessas diretrizes, onde o homem teve suas habilidades físicas mais desenvolvidas através do papel que desempenhava e a mulher evoluiu para ser protetora, rápida e conseguir cumprir uma série de tarefas ao mesmo tempo. Entretanto, as mudanças sociais que se sucederam garantiram que essa preparação biológica ficasse muito mais complexa e as limitações se tornassem muito menores.

Ignorar esse fato é um plano e não uma consequência. Ou seja, é premeditado por questões políticas e econômicas que a mulher siga; ocupando o espaço de secundária, por assim dizer, como aquela que deve estar sempre por trás das câmeras, garantindo que tudo saia como o previsto e preparando todos os afazeres para o dia seguinte.

De maneira objetiva e clara, é possível afirmar que a sociedade se adaptou a esse molde que define que o homem deve desbravar o mundo, e a mulher deve cuidar do seu jantar e garantir a continuidade desses costumes através da criação machista que deve dar para seus filhos, que representam a próxima geração.

O mesmo ocorre com as ideologias racistas, que desde os primórdios da formação do território brasileiro tendem a desumanizar e objetificar o copo negro, sempre com o objetivo de rebaixar e facilitar o processo de escravidão, que prosseguiu mesmo após a abolição. Pela literatura, como supracitado, a mulher negra esteve presente, por muitos séculos, apenas como uma descrição machista, sexista e racista de um ser perigoso, místico, sexual e desprovido de inteligência, que poderia ser usado, mas jamais elevado e sempre temido.

O lugar hoje ocupado por Conceição Evaristo deve ser amplamente comemorado e exaltado, porém a sua vivência e a das mulheres pretas em geral, não deve ser apenas associada aos reflexos da escravidão e as dificuldades enfrentadas pelo racismo e o machismo, mas sim pelas suas conquistas e o valor que possuem enquanto cidadãs.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. (1949) O segundo Sexo. Vol 1. Círculo do Livro. São Paulo.

BURKE, P. (1997). A Escola dos Annales (1929-1989): A revolução da historiografia - São Paulo: Fundação Editorial da UNESP.

BUTLER, J. (2019) Problemas de Gênero - Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

SAFFIOTI, H.I.B. (2004) Gênero, patriarcado, violência. São Paulo. Editora Perseu Abramo.

SCOTT. J. (1990). Educação e Realidade, v. 15, n.2, jul/dez 1990.

DIOP, A.C. (2014) A Unidade Cultural da África Negra. Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica. Edições Pedago - Portugal.

SOIHET, R. (2013) A Conquista do Espaço Público. In: Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo. Editora Contexto.

PEDRO, M. J. (2013) Corpo, Prazer e Trabalho. In: Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo. Editora Contexto.

FAUSTO, B. (2015) História Concisa do Brasil. São Paulo.

BRASIL, Relatório 2018. Disque 180 Central de Atendimento à Mulher. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Disponível: [https://www.mdh.gov.br/informacao-ao-cidadao/ouvidoria/Balanco\\_180.pdf](https://www.mdh.gov.br/informacao-ao-cidadao/ouvidoria/Balanco_180.pdf). Acesso em 25 de out. de 2020.

ALMEIDA, S. (2019) Racismo Estrutural - Feminismos Plurais. São Paulo, Pólen.

BYINGTON, Carlos Amadeu B. "Uma teoria simbólica da história: O mito cristão como principal símbolo estruturante do padrão de alteridade na cultura ocidental." *Junguiana* 37.1 (2019): 21-72.

ROSADO-NUNES, M. J. (2006). Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. *Revista Estudos Feministas*, 14(1), 294-304.

BOURDIEU, P., Curto, D. R., Domingos, N., & Jerónimo, M. B. (1989). O poder simbólico.

BEAUVIOR, S. (1949) O segundo sexo. Editora nova fronteira. Tradução por Sérgio Millet.

BEZERRA, J. (2018) Feminismo no Brasil. São Paulo. Toda matéria. 2018.

CERQUEIRA, D. et al. (2013) Atlas da Violência 2018. Rio de Janeiro, 2018, 93p.  
Comissão Parlamentar Mista de Inquérito – Relatório Final, p. 1045, Brasília, junho de 2013.

CORREA, A. J.; CARNEIRO, S. R. (2010) O sistema interamericano de proteção dos direitos Humanos e o caso Maria da Penha. *Revista CEPPG*, n. 23.

DEL PRIORE, M. (2012). Histórias íntimas: Sexualidade e erotismo na história do Brasil. Editora Planeta.

DEL PRIORE, M. (2015) História das mulheres no Brasil. Editora contexto, 2017.

DIAS, Maria Berenice. Lei Maria da penha. São Paulo: Ed. Revistas dos Tribunais,

LEAL, J. C. (2004) A Maldição da Mulher: de Eva aos dias de hoje. São Paulo: Editora DPL, 2004.

LEITE, R. M.; NORONHA, R. M. L. (2015) A violência contra a mulher: herança histórica e reflexo das influências culturais e religiosas.

SALES, Carla; JANE, Cássia; OLIVEIRA, Maria Lúcia. Representações Sociais da Lei Maria da Penha. 2014.

TELES, M. A. A; MELO, M. (2003) O que é violência contra a mulher. São Paulo: Brasiliense.

EVARISTO, Conceição. Da representação a autorepresentação da mulher negra na literatura Brasileira, 2005. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057>> Acesso em: 20 out. de 2020.

PENTEADO, José Roberto Whitaker. Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto. 2 ed. São Paulo: Globo, 2011.

RIBEIRO, Katiúscia. Mulher Preta: Mulherismo Africana e outras perspectivas de diálogo.2019, Disponível em: <<https://www.almapreta.com/editorias/o-quilombo/mulher-preta-mulherismo-africana-e-outras-perspectivas-de-dialogo>> Acesso em: 20 out. de 2020.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Representações da mulher negra na Literatura brasileira,2008.

CALDWELL, Kia Lily. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil,2000. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2011/07/11922-36568-1-PB.pdf>> Acesso em: 29 out. de 2020.

AGUIAR, Márcio Mucedula. A construção das hierarquias sócias: classe, raça. Gênero e etnicidade. Cadernos de Pesquisa do CDHIS,v. 1, n. 37, 2007.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arquivo 84, 87, 88, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 261

Artes 5, 15, 65, 104, 105, 164, 165, 166, 167, 170, 172, 173, 174, 175, 180, 184, 185, 206, 248, 249, 257, 260

### C

Cinema 5, 69, 90, 100, 164, 201, 202, 203, 206, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 226, 227, 228, 229, 232, 235, 236, 240

Criação 5, 6, 15, 21, 22, 35, 40, 41, 58, 68, 79, 80, 82, 86, 88, 121, 150, 153, 168, 170, 171, 176, 177, 179, 184, 185, 186, 226, 232, 255

### D

Discurso 11, 13, 63, 84, 97, 141, 152, 173, 186, 202, 203, 218, 219, 234, 236

### E

Ensino 5, 7, 29, 64, 67, 70, 103, 104, 106, 112, 113, 116, 117, 122, 126, 127, 130, 131, 132, 135, 136, 137, 168, 174, 183, 187, 188, 193, 199, 202, 207, 218, 263

Estudos Comparados 5, 7, 103, 105, 106, 112

### F

Feminino 5, 6, 8, 1, 3, 4, 7, 8, 10, 21, 24, 27, 34, 37, 76, 140, 230, 233, 235, 239, 247

### G

Gesto 7, 99, 100, 112, 116, 119, 120, 176, 181, 255

### H

História 5, 6, 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 18, 21, 22, 25, 29, 30, 32, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 45, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 58, 59, 60, 62, 65, 66, 67, 70, 77, 84, 87, 90, 91, 92, 95, 97, 101, 103, 105, 107, 109, 110, 112, 114, 128, 166, 167, 168, 175, 176, 184, 186, 193, 199, 201, 203, 204, 206, 207, 209, 210, 215, 217, 221, 222, 228, 229, 230, 236, 248, 249, 250, 252, 260, 261

### L

Letras 5, 13, 14, 45, 47, 55, 56, 64, 77, 79, 88, 101, 114, 115, 134, 136, 137, 182, 246, 247, 249, 262, 263

Linguística 5, 116, 126, 128, 132, 135, 137, 138, 246, 263

Literatura 5, 6, 7, 1, 2, 3, 13, 15, 16, 17, 27, 30, 31, 32, 38, 41, 43, 44, 45, 47, 55, 56, 58, 63, 64, 65, 66, 67, 82, 87, 89, 90, 91, 95, 103, 104, 105, 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 153, 166, 206, 207, 239, 246, 249, 260, 263

## **M**

Mulheres 6, 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 71, 111, 117, 118, 120, 121, 125, 126, 140, 144, 146, 189, 210, 221, 224, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 238

Música 5, 7, 21, 22, 82, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 160, 161, 164, 165, 167, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 180, 183, 184, 186, 187, 188, 192, 193, 198, 199, 206, 210, 224

## **N**

Negra 5, 6, 29, 30, 31, 32, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 46, 48, 188, 222, 224, 228

Negritude 5, 29, 31, 44, 47, 53, 228

## **O**

Ortografia 5, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 136, 137

## **P**

Percussão 5, 7, 175, 176, 177, 181, 183, 184, 186, 190, 194

Perspectivas 5, 43, 64, 88, 101, 105, 126, 171, 219, 234, 253

Poesia 6, 16, 44, 45, 46, 47, 48, 54, 55, 56, 57, 62, 63, 64, 81, 82, 88, 106, 108, 110, 112, 114, 182, 185, 249

Produção 5, 12, 15, 16, 29, 30, 31, 32, 35, 40, 46, 47, 60, 65, 77, 81, 82, 85, 89, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 120, 129, 130, 132, 135, 137, 140, 143, 172, 177, 179, 184, 202, 205, 206, 208, 218, 219, 231, 253, 260

Prosa 7, 16, 30, 45, 80, 81, 82, 89, 91, 96, 108, 110, 177

## **R**

Redação 16, 132, 133, 135

Representação Identitária 201

Representação Social 201, 212, 213, 219, 227, 228

Resistência 5, 6, 26, 31, 38, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 54, 55, 56, 107, 111, 145

## **S**

Saberes Científicos 5

## **U**

Utopia 5, 6, 45, 57, 58, 59, 60, 62, 64, 65

## **V**

Verbetes 5, 7, 123, 138, 139, 143

Vestibular 127, 133, 135

Violão 5, 7, 166, 168, 173, 174

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 4

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 4

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 